

PLANO DE ENSINO

I. IDENTIFICAÇÃO

Curso: Mestrado em Administração	
Departamento: Departamento de Administração	
Disciplina: Teoria das Organizações	Código: CAD 3502000
Carga horária: 60Ha	Período letivo: 2023
Professor: Renê Birochi	
Contato: renebirochi@gmail.com	
Professor Convidado Externo ao PPGA: Erik Persson Souza	
Contato: erik.ps@ufsc.br	

II. EMENTA

Introdução à teoria organizacional. Evolução e crítica da teoria das organizações. Estudos organizacionais e dilemas paradigmáticos. Aspectos epistemológicos e subcampos do conhecimento em administração. Teoria da burocracia. Administração clássica e neoclássica. A teoria de relações humanas e a teoria comportamental. Teoria geral de sistemas. Teoria da contingência estrutural. Teoria institucional. Cultura organizacional. Poder e controle nas organizações. Novas formas de organização. Estudos críticos organizacionais. Organizações alternativas. Teoria organizacional na visão de autores brasileiros.

III. OBJETIVOS

Objetivos da disciplina

- Ampliar a compreensão das teorias organizacionais bem como os contextos em que foram produzidas e disseminadas;
- Permitir o aprendizado reflexivo e crítico sobre as diversas abordagens da teoria organizacional e suas influências no campo da administração;
- Atualizar a discussão, introduzindo temas e abordagens contemporâneas;
- Contribuir para o desenvolvimento de postura crítica dos alunos frente às abordagens e à realidade organizacional brasileira.

IV. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1	1. Introdução à teoria organizacional Leituras obrigatórias MCAULEY J., DUBERLEY J. & JOHNSON P. Organization theory: challenges and perspectives . Essex: Pearson Education, 2007. (Cap. 1, p. 2-44) REED M. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG S., HARDY C. & NORD WR. (Orgs.). Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais . Vol. 1. Organizadores da Edição Brasileira: CALDAS M., FACHIN R. & FISCHER T. São Paulo: Editora Atlas, 2007. (Cap. 1, p. 61-97) MARSDEN R. & TOWNLEY B. Introdução: a coruja de Minerva: reflexões sobre a teoria na prática. In: CLEGG S., HARDY C. & NORD WR. (Orgs.). Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais . Vol. 2. Organizadores da Edição Brasileira: CALDAS M., FACHIN R. & FISCHER T. São Paulo: Editora Atlas, 2001. (Cap. 1, p. 31-56) Leituras complementares FACHIN R. & RODRIGUES SB. Nota técnica: teorizando sobre organizações – vaidades ou pontos de vista? In: CLEGG S., HARDY C. & NORD WR. (Orgs.). Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais . Vol. 1. Organizadores da Edição Brasileira: CALDAS M., FACHIN R. & FISCHER T. São Paulo: Editora Atlas, 2007. (Cap. 2, p. 99-104) BERTERO CO. Nota técnica: a coruja de Minerva: reflexões sobre a teoria na prática. In: CLEGG S., HARDY C. & NORD WR. (Orgs.). Handbook de estudos organizacionais:
---------------	---

	<p>modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. Vol. 2. Organizadores da Edição Brasileira: CALDAS M., FACHIN R. & FISCHER T. São Paulo: Editora Atlas, 2001. (Cap. 2, p. 57-60)</p> <p>ASTLEY WG. & VAN DE VEN AH. Debates e perspectivas centrais da teoria das organizações. Revista de Administração de Empresas, v. 45, n. 2, p. 52-73, 2005.</p>
AULA 2	<p>2. Modernização, burocracia e dominação</p> <p><u>Leituras obrigatórias</u></p> <p>WEBER M. Conceitos sociológicos fundamentais. In: _____. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 1. Brasília: UnB, 2004. (Cap. 1, p. 3-35)</p> <p>WEBER M. Os tipos dominação. In: _____. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 1. Brasília: UnB, 2004. (Cap. 3, p. 139-167)</p> <p>WEBER M. Ensaio de sociologia. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1979. (Cap. 8, p. 229-282)</p> <p>CLEGG S. Debates teóricos e contextos internacionais. In: _____. Organizações modernas. Londres: Sage, 1998. (Cap. 1, p. 1-27)</p> <p>CLEGG S. As organizações e a modernização do mundo. In: _____. Organizações modernas. Londres: Sage, 1998. (Cap. 2, p. 29-56)</p> <p>CLEGG S. Por que razão e onde triunfou a burocracia. In: _____. Organizações modernas. Londres: Sage, 1998. (Cap. 3, p. 57-84)</p> <p>FARIA JH. & MENEGHETTI F. Burocracia como organização, poder e controle. Revista de Administração de Empresas, v. 51, n. 5, p. 424-439, 2011.</p> <p><u>Leituras complementares</u></p> <p>MOTTA FCP. O que é burocracia? São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.</p> <p>BRESSER-PEREIRA L. A organização burocrática. In: MOTTA FCP & BRESSER-PEREIRA L. Introdução à organização burocrática. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. (Cap. 1, p. 1-39)</p> <p>RAMOS AG. A sociologia de Max Weber (sua importância para a teoria e a prática da administração). Revista do Serviço Público, v. 57, n. 2, p. 267-282, 2006.</p>
AULA 3	<p>3. Administração clássica e neoclássica e a organização racional do trabalho</p> <p><u>Leituras obrigatórias</u></p> <p>TAYLOR FW. Princípios de administração científica. 8. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1995. (Cap. 2, p. 37-103)</p> <p>FAYOL H. Administração industrial e geral. 10. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1989. (Primeira parte, Cap 1, p. 23-26; Segunda Parte, Cap. 1, p. 43-64)</p> <p>DRUCKER P. A profissão de administrador. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. (Cap. 8, p. 95-105; Cap. 9, p. 107-121; Cap. 11, p. 133-146)</p> <p><u>Leituras complementares</u></p> <p>RAMOS AG. Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho. Brasília: Conselho Federal de Administração, 2008.</p> <p>FELLS MJ. Fayol stands the test of time. Journal of Management History, v. 6, n. 8, p.345-360, 2000.</p>
AULA 4	<p>4. Teoria de relações humanas e teoria comportamental</p> <p><u>Leituras obrigatórias</u></p> <p>MOTTA FCP. & VASCONCELOS IFG. de. A escola de relações humanas. In: _____. Teoria geral da Administração. 3. ed. rev. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.</p>

	<p>(Cap. 2, p. 43-62)</p> <p>WAHRLICH BM. de S. Uma análise das teorias da organização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1977. (Cap. 4, p. 37-47; Cap. 5, p. 48-66)</p> <p>MILES RE. Relações humanas ou recursos humanos? Harvard Business Review, 1965. Disponível em: https://hbr.org/1965/07/human-relations-or-human-resources?language=pt</p> <p>HOMANS G. As pesquisas na Western Electric. In: BALCÃO Y. & CORDEIRO L. O Comportamento Humano da Pessoa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1975. p. 5-43.</p> <p>MASLOW A. A theory of motivation. Psychological Review, v. 50, n. 1, p. 370-396, 1943. Disponível em: http://psychclassics.yorku.ca/Maslow/motivation.htm</p> <p>BARNARD C. O indivíduo e a organização. In: _____. As funções do executivo. São Paulo: Editora Atlas, 1971. (Cap. 2, 40-51)</p> <p>BARNARD C. As funções do executivo. São Paulo: Editora Atlas, 1971. (Cap. 6, p. 87-100; Cap. 7, p. 101-112)</p> <p>Leituras complementares</p> <p>The Hawthorne experiments AT&T Archives: The Year They Discovered People (Bonus Edition) – YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pd8i7PRBpTw&list=PLDB8B8220DEE96FD9&t=364s</p>
<p>AULA 5</p>	<p>5. Teoria geral de sistemas e a teoria da contingência estrutural</p> <p>Leituras obrigatórias</p> <p>BERTALANFFY LV. Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações. Petrópolis: Editora Vozes, 2010. (Cap. 1, p. 21-53)</p> <p>MOTTA FCP. A teoria geral dos sistemas na teoria das organizações. Revista de Administração de Empresas, v. 11, n. 1, p. 73-33, 1971.</p> <p>KATZ D. & KAHN RL. Psicologia social das organizações. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1987. (Cap. 2, p. 30-45; Cap. 3, p. 46-87)</p> <p>DONALDSON L. Teoria da contingência estrutural. In: CLEGG S., HARDY C. & NORD WR. (Orgs.). Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. Vol. 1. Organizadores da Edição Brasileira: CALDAS M., FACHIN R. & FISCHER T. São Paulo: Editora Atlas, 2007. (Cap. 3, p. 104-131)</p> <p>BERTERO CO. Nota técnica: teoria da contingência estrutural. In: CLEGG S., HARDY C. & NORD WR. (Orgs.). Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. Vol. 1. Organizadores da Edição Brasileira: CALDAS M., FACHIN R. & FISCHER T. São Paulo: Editora Atlas, 2007. (Cap. 4, p. 132-134)</p> <p>HALL R. Organizações: estrutura e processos e resultados. São Paulo: McGraw-Hill, 2004 (Cap. 3, p. 44-78)</p> <p>MINZTBERG H. Structure in 5's: a synthesis of the research on organization design. Management Science, v. 26, n. 3, p. 322-341, 1980.</p> <p>Leituras complementares</p> <p>MISOCZKY MC. Da abordagem dos sistemas abertos à complexidade: algumas reflexões sobre seus limites para compreender processos de interação social. Cadernos EBAPE.BR, v.1, n.1, p. 1-17, 2003.</p> <p>RANSON S., HINNINGS B. & GREENWOOD R. The structuring of organizational structures. Administrative Science Quarterly, v. 25, n. 1, p. 1-17, 1980.</p>
<p>AULA 6</p>	<p>6. Cultura organizacional</p> <p>Leituras obrigatórias</p> <p>SCHEIN E. Organizational culture and leadership. 3. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2004.</p>

	<p>MOTTA FCP. & CALDAS MP. Cultura organizacional e cultura brasileira. São Paulo: Editora Atlas, 1997. (Cap 1, p. 24-37; Cap. 2, p. 38-53)</p> <p>ALCADIPANI R. & CRUBELLATE JM. Cultura organizacional: generalizações improváveis e conceituações imprecisas. Revista de Administração de Empresas, v. 43, n. 2, p. 64-77, 2003.</p> <p>FLEURY MTL. Cultura organizacional – os modismos, as pesquisas, as intervenções: uma discussão metodológica. Revista de Administração, v. 24, n. 1, p. 3-9, 1989.</p> <p>FREITAS ME. de. Cultura organizacional: grandes temas em debate. Revista de Administração de Empresas, v. 31, n. 3, p. 73-82, 1991.</p> <p><u>Leituras complementares</u></p> <p>MANNION R., DAVIES HTO. & MARSHALL MN. Cultural characteristics of “high” and “low” performing hospitals. Journal of Health Organization and Management, v. 19, n. 6, p. 431-439, 2005.</p>
<p>AULA 7</p>	<p>7. Teoria institucional</p> <p><u>Leituras obrigatórias</u></p> <p>FONSECA V. A abordagem institucional nos estudos organizacionais: bases conceituais e desenvolvimentos contemporâneos. In: VIEIRA MMF. & CARVALHO CA. (Orgs.). Organizações, instituições e poder no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2003.</p> <p>CARVALHO CA. & VIEIRA MMF. Contribuições da perspectiva institucional para a análise das organizações: possibilidades teóricas, empíricas e de aplicação. In: CARVALHO CA. & VIEIRA MMF. (Orgs.). Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional. Recife: Editora UFPE, 2003. (Cap 1, p. 23-38)</p> <p>DIMAGGIO PJ. & POWELL WW. A gaiola de ferro revisitada: isomorfismo institucional e racionalidade coletiva nos campos organizacionais. Revista de Administração de Empresas, v. 45, n. 2, p. 74-89, 2005.</p> <p>MEYER JW. & ROWAN B. Institutionalized organizations: formal structures as myth and ceremony. American Journal of Sociology, v. 83, n. 2, p. 340-363, 1977.</p> <p><u>Leituras complementares</u></p> <p>CARVALHO CA., VIEIRA MMF. & GOULART S. A trajetória conservadora da teoria institucional. Revista de Administração Pública, v.39, n.4, p.849-874, 2005.</p> <p>WILLMOTT H. Why institutional theory cannot be critical. Journal of Management Inquiry, v. 24, n. 1, p. 105-111, 2015.</p>
<p>AULA 8</p>	<p>8. Poder e controle nas organizações</p> <p><u>Leituras obrigatórias</u></p> <p>WEBER M. Os tipos dominação. In: _____. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 1. Brasília: UnB, 2004. (Cap. 3, p. 139-167)</p> <p>SILVA RC. da. Poder invisível, formas de controle e gestão da qualidade total: o caso da Siderúrgica Riograndense. In: CARVALHO CA. & VIEIRA MMF. (Orgs.). Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional. Recife: Editora UFPE, 2003. (Cap. 9, p. 271-293)</p> <p>FARIA JH. de. Poder e relações de poder nas organizações. In: CARVALHO CA. & VIEIRA MMF. (Orgs.). Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional. Recife: Editora UFPE, 2003. (Cap. 3, p. 67-121)</p> <p>HARDY C. & CLEGG S. Alguns ousam chamá-lo de poder. In: CLEGG S., HARDY C. & NORD WR. (Orgs.). Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. Vol. 2. Organizadores da Edição Brasileira: CALDAS M., FACHIN R. & FISCHER T. São Paulo: Editora Atlas, 2001. (Cap. 13, p. 260-289)</p> <p>ALCADIPANI R. As dinâmicas de poder nas organizações. Comportamento</p>

	<p>Organizacional e Gestão, v. 14, n. 1, p. 97-114, 2008.</p> <p>Leituras complementares</p> <p>FOUCAULT M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.</p> <p>BOURDIEU P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.</p>
<p>AULA 9</p>	<p>9. Novas formas de organização</p> <p>Leituras obrigatórias</p> <p>CLEGG S. Organizações modernistas e pós-modernistas. In: _____. As organizações modernas. Oeiras: Celta Editora, 1998. (Cap. 7, p.207-244)</p> <p>VOLBERDA HW. Building the flexible firm: how to remain competitive. New York: Oxford University Press, 1998.</p> <p>VOLBERDA HW. The organization design task: reducing organizational barriers. In: _____. Building the flexible firm: how to remain competitive. New York: Oxford University Press, 1998. (Cap. 6, p. 122-183).</p> <p>DELLAGNELO EL. & MACHADO-DA-SILVA CL. Novas formas organizacionais: onde se encontram as evidências empíricas de ruptura com o modelo burocrático de organizações? Organização e Sociedade, v. 7, n. 19, p. 19-33, 2009.</p> <p>CURRIE G., FINN R. & MARTIN G. Accounting for the 'dark side' of new organizational forms: The case of healthcare professionals. Human Relations, v. 61, n. 4, p. 539-564, 2008.</p> <p>Leituras complementares</p> <p>PALMER I., BENVENISTE J. & DUNFORD R. New organizational forms: towards a generative dialogue. Organization Studies, v. 28, n. 12, 2007.</p> <p>HEYDEBRAND W. New organizational forms. Work Employment and Society, v. 16, n. 3, p. 323-357, 1989.</p>
<p>AULA 10</p>	<p>10. Estudos críticos organizacionais</p> <p>Leituras obrigatórias</p> <p>BÖHM S. Repositioning organization theory. New York: Palgrave MacMillan, 2006.</p> <p>PARKER M. Managerialism and its discontents. In: _____. Against management: organization in the age of managerialism. Cambridge: Polity Press, 2002. (Cap. 1, p. 1-16)</p> <p>ADLER PS., FORBES LC. & WILLMOTT H. Critical management studies. The Academy of Management Annals, v. 1, n. 1, p. 119-179, 2007.</p> <p>ALVESSON M. & WILLMOTT H. On the idea of emancipation in management and organization studies. Academy of Management Review, v. 17, n. 3, p. 432-464, 1992.</p> <p>FARIA JH. de. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. CADERNOS EBAPE.BR, v. 7, n. 3, p. 510-515, 2009.</p> <p>VIEIRA MMF. & CALDAS MP. Teoria Crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. Revista de Administração de Empresas, v. 46, n. 1, p. 59-70, 2006.</p> <p>SPICER A., ALVESSON M. & KÄRREMAN D. Critical performativity: the unfinished business of critical management studies. Human Relations, v. 62, n. 4, p. 537-560, 2009.</p> <p>Leituras complementares</p> <p>PAES DE PAULA AP. Teoria Crítica nas organizações. São Paulo: Thomson Learning, 2008.</p> <p>SANTOS B de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de</p>

	saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais , v. 78, p. 3-46, 2007.
AULA 11	<p>11. Organizações alternativas</p> <p><u>Leituras obrigatórias</u></p> <p>PARKER M. Alternative enterprises, local economies, and social justice: why smaller is still more beautiful. M@n@gement, v. 20, n. 4, p. 418-434, 2017.</p> <p>PARKER M. et al. The question of organization: a manifesto for alternatives. ephemera, v. 14, n. 4, p. 623-638, 2014.</p> <p>REEDY P. Impossible organisations: anarchism and organisational praxis. ephemera, v. 14, n. 4, p. 639-658, 2014.</p> <p>FOURNIER V. Commoning: on the social organisation of the commons. Management, v. 16, n. 4, p. 433-453, 2013.</p> <p>FARIA JH. de. Autogestão, economia solidária e organização coletivista de produção associada: em direção ao rigor conceitual. CADERNOS EBAPE.BR, v. 15, n. 3, p. 629-650, 2017.</p> <p>PARANQUE B. & WILLMOTT H. Cooperatives—saviours or gravediggers of capitalism? Critical performativity and the John Lewis Partnership. Organization, v. 21, n. 5, p. 604-625, 2014.</p> <p><u>Leituras complementares</u></p> <p>PARKER M., FOURNIER V. & REEDY P. The dictionary of alternatives: utopianism and organization. London: Zed Books, 2007.</p> <p>CHENEY G. Alternative organization and alternative organizing. 2014. Disponível em: http://www.criticalmanagement.org/node/3182</p>
AULA 12	<p>12. Teoria organizacional na visão de autores brasileiros</p> <p><u>Leituras obrigatórias</u></p> <p>VERGARA SC. A hegemonia americana em estudos organizacionais. Revista de Administração Pública, v. 35, n. 2, p. 63-77, 2001.</p> <p>BERTERO CO. et al. Os desafios da produção de conhecimento em administração no Brasil. CADERNOS EBAPE.BR, v. 11, n. 1, p. 181-196, 2013.</p> <p>TRAGTENBERG M. As harmonias administrativas de Saint-Simon a Elton Mayo. In: _____. Burocracia e ideologia. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2006.</p> <p>RAMOS AG. A síndrome comportamentalista. In: _____. A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989. (Cap. 3, p. 50-68)</p> <p>RAMOS AG. Teoria da delimitação dos sistemas sociais. In: _____. A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989. (Cap. 7, p. 140-154)</p> <p>FREITAS ME. de. Tragtenberg e a questão ideológica da Teoria Geral da Administração. In: VALVERDE AJR. Maurício Tragtenberg: 10 anos de encantamento. São Paulo: Editora PUC-SP, 2011.</p> <p>PAES DE PAULA AP. Maurício Tragtenberg: contribuições de um marxista anarquizante para os estudos organizacionais críticos. Revista de Administração Pública, v. 42, n. 5, p. 949-968, 2008.</p> <p>PAES DE PAULA AP. Guerreiro Ramos: resgatando o pensamento de um sociólogo crítico das organizações. Organização e Sociedade, v. 17, n. 52, p.169-187, 2010.</p> <p>MOTTA FCP. A propósito da “sociedade organizacional”. Revista de Administração de Empresas, v. 18, n. 4, p. 71-75, 1978.</p> <p>MOTTA FCP. Controle social nas organizações. Revista de Administração de Empresas, v. 33, n. 5, p. 68-87, 1993.</p>

	<p>Leituras complementares</p> <p>PIZZA JUNIOR W. Guerreiro Ramos, administração e ciências sociais. Organização e Sociedade, v. 17, n. 52, p. 201-208, 2010.</p> <p>FARIA JH. de. Burocracia, poder e ideologia: a antevisão da empresa contemporânea em Tragtenberg. In: VALVERDE AJR. Mauricio Tragtenberg: 10 anos de encantamento. São Paulo: Editora PUC-SP, 2011.</p> <p>PAES DE PAULA AP. Tragtenberg e a resistência da crítica: pesquisa e ensino na administração hoje. Revista de Administração de Empresas, v. 41, n. 3, p. 77-81, 2001.</p>
AULA 13	Realização de seminário em grupo
AULA 14	Realização de prova com consulta Encerramento da disciplina

V. METODOLOGIA DE ENSINO

Aulas expositivas, dialogadas e interativas, com utilização de instrumentos de multimídia e materiais impressos.

Desenvolvimento de conteúdos a partir de leituras dirigidas, seminários e produções textuais integradas.

Realização de estudos de casos em grupo para análises, diagnósticos e discussões em grupo, com foco em temas e problemáticas atuais correlacionadas à teoria das organizações.

Realização de palestras com especialistas, profissionais e/ou acadêmicos com representatividade no campo.

Utilização de recursos e ferramentas virtuais, dinâmicas, trabalhos em equipe e produção textual individual para fixação de conteúdo e avaliação.

IV. SISTEMA DE AVALIAÇÃO

Método	Forma	Peso	Descrição
Prova	Individual	40%	Avaliação dissertativo-reflexiva sobre as leituras realizadas e os conteúdos abordados.
Seminário	Grupo	35%	Seminários temáticos em grupo, com apresentação oral e entrega de resumo escrito.
Produções textuais	Individual	10%	Contribuições escritas nos fóruns da disciplina programados junto ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle)
Participação	Individual e coletiva	15%	Frequência e participação ativa nas atividades individuais e coletivas. Assiduidade, pontualidade e compromisso com as atividades programadas para o desenvolvimento da disciplina. Leituras de textos e reflexões conjuntas. Entrega das produções textuais.